

GRANDE LOJA MAÇÔNICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO



A Verdade

ANO LXX - Nº 555 - Março/Abril de 2023

Revista Maçônica

CONSTRUINDO PONTES:

**Nietzsche, Zarathustra e
a Maçonaria em BUSCA
DO APERFEIÇOAMENTO
HUMANO**





O Venerável Mestre e o Sapo

Anos atrás, um irmão dedicado à Ordem, prestes a assumir o cargo de Venerável Mestre, participava do ágape da loja cheio de ideias próprias e, ansioso, pouco se continha em falar e explicar tudo aquilo que tinha em mente e queria implementar quando assumisse o tão almejado posto.

Ocupava eu, naquela época, a função de Delegado Regional e todo ano ministrava preleções aos postulantes a Venerável Mestre, instruções essas, basicamente, relativas às atitudes e aos procedimentos comportamentais das relações entre o cargo de direção da loja e os irmãos.

Seguindo com o ocorrido, durante o enunciado e as manifestações do referido irmão, eu o interrompi por algumas vezes. Na primeira oportunidade, para perguntar-lhe se conhecia um sapo; na segunda vez, se ele já tinha tocado em um sapo; depois, se chegou a cheirar o sapo; e, por fim, se havia experimentado o gosto de um sapo. Em dado momento, o irmão irritou-se com as interrupções e, devido ao ímpeto e extrema tenacidade de seu pensamento, não percebeu aonde eu queria chegar.

A essa altura, muitos já perceberam o fim da história, o qual, logicamente, remete ao sentido simbólico da expressão “vai ter que aprender a engolir muito sapo”, caso queira uma administração coesa, unida e tranquila até o fim de seu mandato.

Aqui, termina a narrativa, quase uma fábula, culminando com a palavra-chave chamada Tolerância.

Hoje, ocupando o mais alto cargo da instituição, onde a tolerância é uma das palavras-chaves, juntamente com a compreensão, e vivenciando, diariamente, os problemas de afinidade e relacionamento entre irmãos, tenho a felicidade de apresentar um final feliz a essa questão ilustradamente aqui apresentada.

Quando chegamos ao cargo de Venerável Mestre, um sonho de presteza e oportunidade em fazer algo pela própria loja se realiza. Sonhos administrativos e ritualísticos, eventos, união entre os irmãos... Queremos dar o nosso melhor, mas, diferentemente da terceira lei de Newton, conhecida como lei da ação e reação, o retorno, muitas vezes, não é satisfatório e segue a lei do livre arbítrio.

Tudo isso seria resolvido com a tolerância e a comunhão de ideias de todos, com um só fim. Este fim está escrito em nossos rituais. É só os seguir.

Peço a todos os irmãos compreensão e ajuda aos novos Veneráveis Mestres que assumirão a administração das lojas. Eles são da vossa casa, da vossa família maçônica, criados pelos Mestres Instalados. A escola deles foi a própria loja onde hoje serão seus diretores. Ninguém tem que engolir ninguém, mas é, sim, uma questão de máxima cognição e compreensão mútua.

Boa administração a todos!



Um fraternal abraço,

Sereníssimo Grão-Mestre Jorge Anysio Haddad

◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre Jorge Haddad
Loja Justiça e Tolerância, 689
Oriente de Araraquara

Conselho Editorial

Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)

Editor e Jornalista Responsável

Vagner Apinhanesi (MTB: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.



Construindo pontes: Nietzsche, Zaratustra e a Maçonaria em busca do aperfeiçoamento humano

Nietzsche e a Maçonaria compartilham a convicção de que o aprimoramento humano é um processo contínuo e uma busca pela verdade, autoconhecimento e liberdade. Ambos defendem a importância da educação e do pensamento crítico, incentivando o indivíduo a questionar dogmas e crenças impostos pela sociedade.



4
Capa

A Mitra

A mitra, em sua qualidade de peça que cobre a cabeça, simboliza também a cabeça e o pensamento. Emblema da soberania, a mitra tem a finalidade de fazer com que o usuário compreenda que não é um chefe com o poder de comandar arbitrariamente, de acordo com sua conveniência. Um soberano deve reinar e não exercer o mando.



10

Essa roupa não serve mais em mim

Hoje, busco colocar a roupa de acordo com minha idade, aquela que me representa de verdade e sem vaidades. Agora, compreendo que a roupa pouco importa. Se você conhece sua essência, o resto é aparência.



18

Persona

Esse termo veio do latim e foi criado no teatro grego, onde os atores usavam uma máscara para exibir seus personagens, isolando o indivíduo das características pessoais. Como atores que somos de nosso próprio enredo, aprendemos logo cedo que a usar inadequadamente pode nos levar a perda de oportunidades.



20

Qual o sentido da vida?

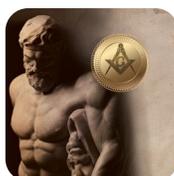
Quando me perguntam sobre a visão maçônica para o sentido da vida, costumo recorrer à minha experiência assimilada em quase meio século participando dessa fraternidade, onde aprendi que a resposta à pergunta encontra-se oculta nos segredos intrínsecos da própria vida, diluída entre escuros labirintos do cotidiano e nas atitudes pessoais que você toma diante dos enigmas que lhe são oferecidos.



24

As maravilhosas Instruções Maçônicas

A mente do idealizador dessas Instruções Maçônicas foi iluminada quando de sua criação, uma vez que uniu e reuniu toda beleza do mundo para aí colocar a nosso dispor essa fonte inesgotável de ensinamentos do bem viver.



28



30

A Revolução Farrroupilha e a Maçonaria

Se hoje a Maçonaria prima pela defesa da democracia e pelo Estado Democrático de Direito, nem sempre foi assim, sobretudo em períodos totalitários ou absolutistas. É o caso da Revolta dos Farrapos ou Farrroupilha.



36

Francisco Rorato, edificador da Maçonaria

Francisco Rorato, que empresta seu nome ao Palácio Maçônico, sede da Grande Loja do Estado de São Paulo – Glesp, na Rua São Joaquim, foi um dos mais brilhantes homens que já passou pela Maçonaria. Uma pessoa que viveu além do seu tempo e colocou os ideais maçônicos acima de todas as coisas.

CONSTRUINDO PONTES:

Nietzsche, Zaratustra e a Maçonaria em BUSCA DO aperfeiçoamento Humano

Irmão Névio Guilherme dos Santos Burgos

Loja Portal da Luz, 646

Oriente de Guaratinguetá



A *ssim Falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, é uma obra filosófica icônica, publicada entre 1883 e 1885. A obra apresenta uma série de reflexões e aforismos, narrados através do profeta persa Zaratustra, que expõe os pensamentos do autor sobre moral, religião, política, arte e a condição humana. Ao explorarmos a correlação entre a obra e a visão maçônica, encontramos pontos de convergência e divergência entre os dois sistemas de pensamento.

O Super-Homem e o Homem Perfeito

Um dos conceitos centrais em *Assim Falou Zaratustra* é o do Super-Homem (*Übermensch*), que representa a evolução e o aprimoramento do ser humano, além dos valores morais e religiosos tradicionais. Na Maçonaria, o objetivo é trabalhar pelo aperfeiçoamento do homem, buscando a evolução moral, intelectual e espiritual, através do “Homem Perfeito” ou “Mestre Maçom”. Embora as terminologias sejam diferentes, ambos os sistemas de pensamento buscam a evolução do indivíduo.

A Morte de Deus

Nietzsche declara a “morte de Deus” em sua obra, sugerindo que a humanidade já não precisa mais das antigas ideias religiosas e morais para encontrar significado e propósito na vida. A Maçonaria, por outro lado, respeita as crenças religiosas de seus membros, mas promove uma busca racional e filosófica por conhecimento e sabedoria. Ambos os sistemas, portanto, defendem o pensamento crítico e a autonomia do indivíduo na busca por conhecimento.

A Vontade de Poder

Este é um conceito central na filosofia de Nietzsche, que sugere que a vida é uma luta contínua pelo poder e pela dominação. Na Maçonaria, a busca pelo poder é vista como algo negativo, e o foco está no desenvolvimento do caráter e da sabedoria, a fim de melhorar a si mesmo e a sociedade. Assim, há uma divergência clara entre os dois sistemas de pensamento neste aspecto.

A Moral do Senhor e do Escravo

Nietzsche aborda a dicotomia entre a moral do senhor e a moral do escravo, na qual a primeira é baseada na afirmação da vida e na busca pela superioridade, enquanto a segunda é baseada na negação da vida e na obediência aos valores tradicionais. A Maçonaria, por outro lado, defende a igualdade e a fraternidade entre seus membros, independentemente de sua posição social ou econômica. Neste sentido, a Maçonaria se distancia da visão nietzschiana de hierarquia moral.

O Eterno Retorno

O conceito de Eterno Retorno em Nietzsche sugere que a vida é um ciclo contínuo de repetição e que devemos aprender a abraçar e amar a vida em todas as suas manifestações. A Maçonaria também promove a ideia de ciclos na vida e no processo de autoaperfeiçoamento, onde o progresso é alcançado através da repetição e do aprendizado contínuo. Dessa forma, tanto Nietzsche quanto a Maçonaria veem a vida como um processo de repetição e aprendizado, embora com ênfases e interpretações diferentes.

A importância da Educação e do Autoconhecimento

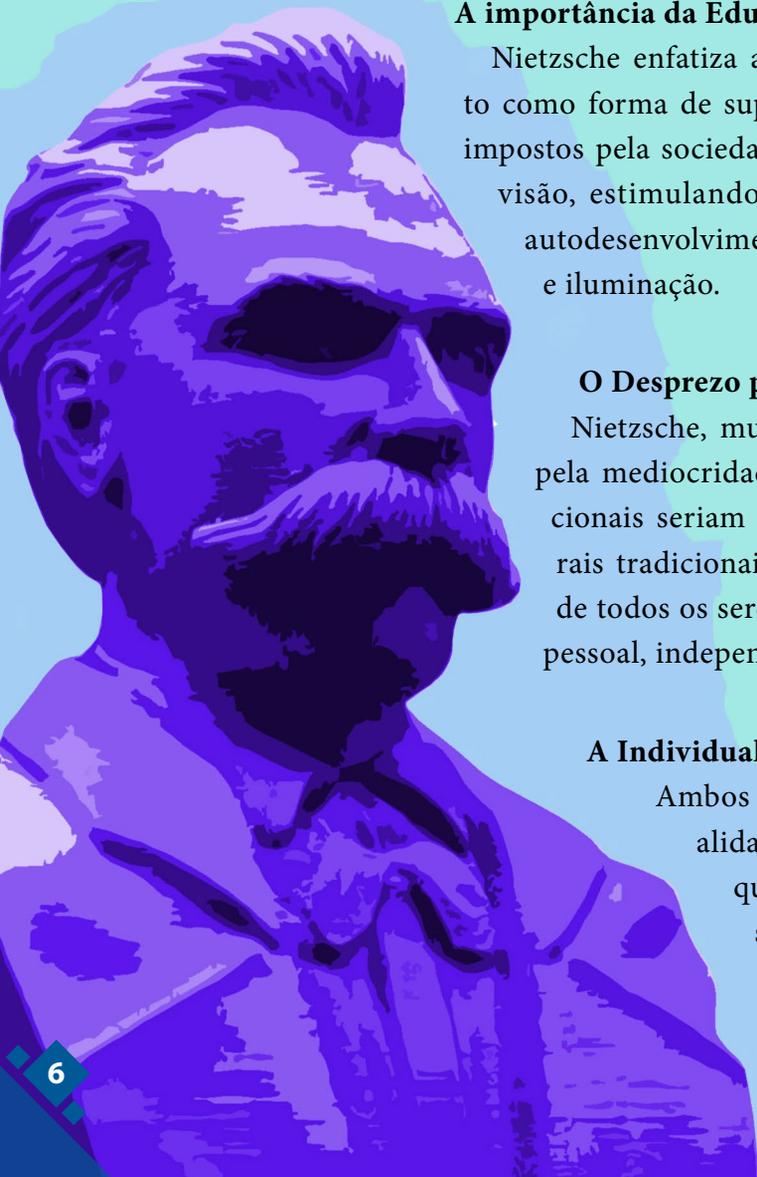
Nietzsche enfatiza a importância da educação e do autoconhecimento como forma de superar a condição humana e transcender os limites impostos pela sociedade e pela religião. A Maçonaria compartilha dessa visão, estimulando seus membros a buscarem o conhecimento e o autodesenvolvimento como meios de alcançar a verdadeira sabedoria e iluminação.

O Desprezo pela Massa

Nietzsche, muitas vezes, expressou seu desprezo pela “massa” e pela mediocridade, considerando que apenas os indivíduos excepcionais seriam capazes de transcender os valores morais e culturais tradicionais. A Maçonaria, no entanto, acredita no potencial de todos os seres humanos para o aprimoramento e o crescimento pessoal, independentemente de sua origem ou status social.

A Individualidade

Ambos os sistemas de pensamento valorizam a individualidade e o desenvolvimento pessoal. Nietzsche propõe que cada pessoa deve ser seu próprio legislador e criar seus próprios valores, enquanto a Maçonaria defende a importância da autodeterminação e do livre-arbítrio na busca pela sabedoria e pela verdade.



A Arte e a Criação

Nietzsche considerava a arte como uma forma de expressão da vontade de poder e da afirmação da vida, além de ser um meio de transcender a realidade e criar novos valores. A Maçonaria também valoriza a arte, utilizando-a como uma ferramenta simbólica para transmitir seus princípios e ensinamentos aos seus membros.

A Simbologia

A obra de Nietzsche é repleta de simbolismo, refletindo sua crença na natureza complexa e multifacetada da realidade. A Maçonaria é conhecida por seu uso extensivo de símbolos e alegorias, que servem como um meio de comunicação e ensino entre os maçons.

A Relação com a Natureza

Tanto em *Assim Falou Zaratustra* quanto na Maçonaria, a natureza é vista como uma fonte de sabedoria e inspiração. Nietzsche encoraja os indivíduos a se conectarem com a natureza e aprenderem com ela, enquanto a Maçonaria utiliza a natureza como uma metáfora para a construção do templo interior do indivíduo.

O Amor Fati

Nietzsche propõe o conceito de “amor fati”, que significa amar o destino e aceitar a vida como ela é, com todas as suas dificuldades e desafios. A Maçonaria também enfatiza a importância de enfrentar e superar os obstáculos na busca pelo autodesenvolvimento e pelo aperfeiçoamento moral e espiritual.

A Busca pela Liberdade

Ambos os sistemas de pensamento promovem a busca pela liberdade, tanto no sentido de libertar-se dos valores e crenças impostos pela sociedade, como no sentido de alcançar a liberdade pessoal e espiritual através do autoconhecimento e da iluminação.

A Rejeição do Dogma

Nietzsche é conhecido por sua crítica feroz aos dogmas religiosos e morais, defendendo que os indivíduos devem buscar sua própria verdade e criar seus próprios valores. A Maçonaria também encoraja o pensamento crítico e a busca pela verdade, evitando a imposição de dogmas específicos. Embora a Maçonaria possua suas próprias tradições e símbolos, seus membros são incentivados a interpretá-los de acordo com suas próprias crenças e experiências. Assim, tanto Nietzsche quanto a Maçonaria rejeitam a imposição dogmática de verdades e valores e promovem a busca individual pela verdade.



A Importância da Fraternidade

Enquanto Nietzsche não aborda diretamente o conceito de fraternidade, a Maçonaria coloca grande ênfase na irmandade e no apoio mútuo entre seus membros. Isso mostra uma diferença fundamental entre os dois sistemas de pensamento, já que a visão maçônica se baseia na cooperação e na solidariedade, enquanto Nietzsche enfatiza a independência e a autossuficiência do indivíduo.

A Rejeição do Nihilismo

Apesar de Nietzsche ser frequentemente associado ao nihilismo, ele o critica e propõe a criação de novos valores e significados para superar essa condição. A Maçonaria, por sua vez, promove uma visão positiva da existência e do propósito humano, baseada no aprimoramento moral, intelectual e espiritual.

O Papel do Sofrimento

Tanto em *Assim Falou Zaratustra* quanto na Maçonaria, o sofrimento é visto como uma parte inevitável da experiência humana.

Nietzsche

defende que o sofrimento é um aspecto essencial da vida e deve ser aceito e superado, enquanto a Maçonaria ensina que o sofrimento pode ser uma oportunidade para o crescimento e a evolução pessoal.

A Tradição e a Inovação

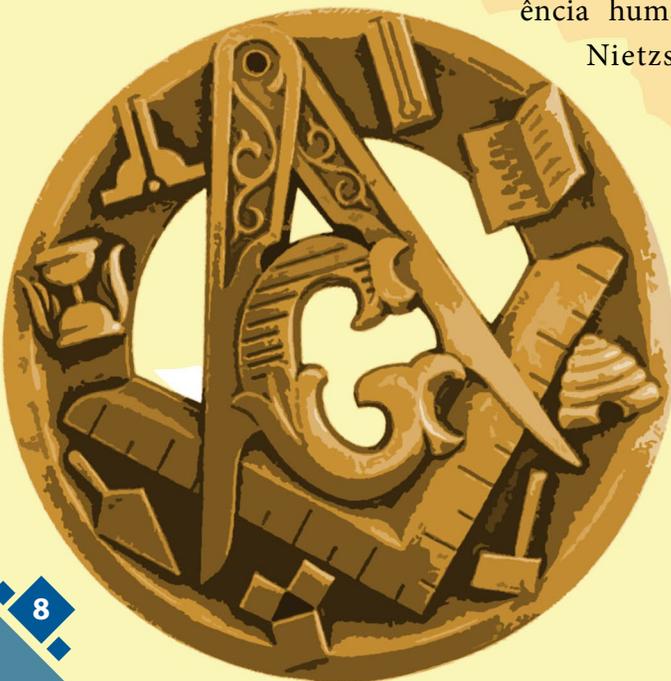
Nietzsche questiona a tradição e propõe a criação de novos valores e ideias para superar a condição humana. A Maçonaria, embora enraizada em tradições e símbolos antigos, também incentiva a busca pela verdade e o progresso, valorizando a inovação e a criatividade no processo de autoaperfeiçoamento.

A Questão da Verdade

Ambos os sistemas de pensamento abordam a questão da verdade, embora de maneiras diferentes. Nietzsche defende o perspectivismo, a ideia de que a verdade é sempre uma interpretação e não pode ser absoluta. A Maçonaria, por outro lado, busca a verdade através da razão e do conhecimento, mas reconhece que a verdade absoluta pode ser inalcançável e que cada indivíduo deve encontrar sua própria verdade.

Conclusão

Ao analisar as correlações entre a obra *Assim Falou Zaratustra* de Nietzsche e a visão maçônica, é possível extrair valiosas reflexões e *insights* para os maçons em sua jornada de autoaperfeiçoamento e busca pela verdade. Embora haja divergências entre os dois sistemas de pensamento, especialmente no que diz respeito à moralidade, hierarquia e fraternidade, existem também paralelos significativos que podem enriquecer a perspectiva maçônica.



Nietzsche e a Maçonaria compartilham a convicção de que o aprimoramento humano é um processo contínuo e uma busca pela verdade, autoconhecimento e liberdade. Ambos defendem a importância da educação e do pensamento crítico, incentivando o indivíduo a questionar dogmas e crenças impostos pela sociedade.

A filosofia nietzschiana pode servir como um estímulo para os maçons explorarem novas perspectivas e ideias, desafiando-os a refletirem sobre a natureza da moralidade, a busca pela verdade e o papel do sofrimento na evolução pessoal. O conceito do Super-Homem, como símbolo do potencial humano para transcender os valores e crenças limitantes, pode ser uma inspiração para os maçons em sua busca pela iluminação e pelo aperfeiçoamento moral e espiritual.

É importante ressaltar, no entanto, que a visão maçônica se distingue da filosofia de Nietzsche em aspectos cruciais, como a ênfase na fraternidade e na igualdade entre os membros, bem como a valorização da tradição e da simbologia. Os maçons devem abordar a obra

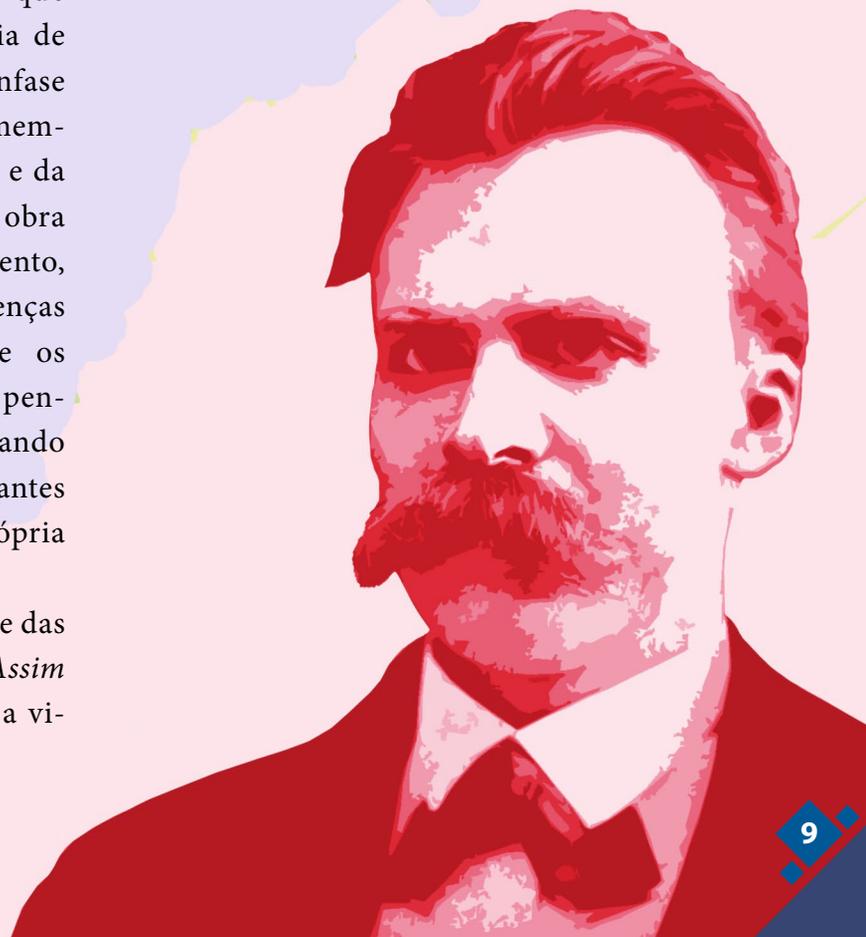
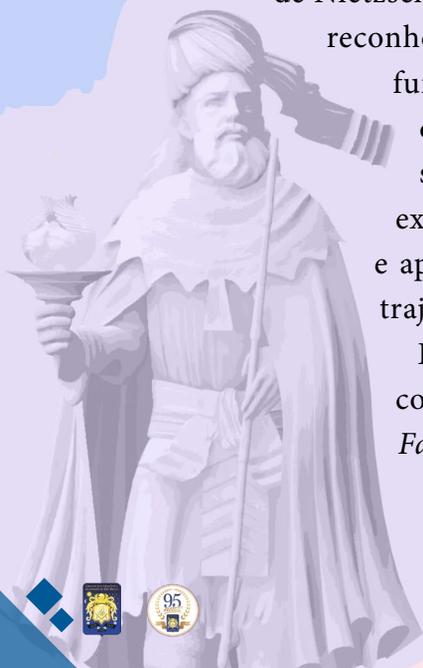
de Nietzsche com discernimento, reconhecendo as diferenças fundamentais entre os dois sistemas de pensamento e buscando extrair lições relevantes e aplicáveis à sua própria trajetória maçônica.

Em suma, a análise das correlações entre *Assim Falou Zarathustra* e a vi-

são maçônica oferece uma oportunidade única para os maçons ampliarem seus horizontes filosóficos, enriquecerem sua compreensão do mundo e aprimorarem sua jornada em busca da verdade e do autoaperfeiçoamento. ◆

Referências Bibliográficas

- NIETZSCHE, Friedrich. (1883-1885). *Assim Falou Zarathustra*, 1ª Edição, L&PM Editores, 2014.
- PIKE, Albert. (1871). *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*. Editora Martino Fine Books, 2011.
- HUTCHENS, Rex R. (1995). *A Bridge to Light: A Study in Masonic Ritual & Philosophy*. Supreme Council, 33º, Southern Jurisdiction, U.S.A., 3rd edition, 2006.



A Mitra



Irmão André Muniz Marinho da Rocha
Loja União do Vale, 214 – Oriente de São José dos Campos

A mitra é uma parte da vestimenta usada em Graus Superiores da Maçonaria e sua primeira finalidade seria a da proteção.



Catolicismo

Durante muito tempo, os padres foram proibidos de usar chapéus, e somente os cardeais os usavam, desde 1245 d. C., com o nome de *capello* ou “cobridor de cabelos”, ornato largo e vermelho, com presilhas vermelhas que recaíam sobre o peito. Supostamente origina-se do *Camelaucum*, gorro que fazia parte do ornato dos dignitários do Império Romano.

A mitra é um chapéu litúrgico dos bispos e abades, que tem duas faces opostas de forma pentagonal. Por sua forma, é, inicialmente, uma touca em forma de cone, na qual, das extremidades livres de uma fita que guarnecia a testa, desenvolveram-se as duas fitas, ínfulas, que pendem para trás. Desta forma, a mitra apresenta-se como um chapéu que termina em fenda, como uma cabeça de peixe (cabeça de tainha) com cauda aberta, associada a Dagon, divindade do povo filisteu. Ressalta-se que “Dag”, em hebraico דג, significa peixe, antigo símbolo pelo qual os cristãos primitivos identificavam-se, por um desenho no chão e por uma frase em grego: *Iesus Christus Theou Yicus Soter* (Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador). Da frase grega tem-se o acróstico ICHTHYS, em grego ιχθυς, que significa peixe, constituindo um símbolo formado por dois arcos que se cruzam, representando o perfil do animal em questão.

Mitra é um nome certamente inspirado na Torá, conforme Êxodo 29:9: “E lhes cingirás cintos, a Aarão e a seus filhos, e lhes atarás as mitras, e será para eles o sacerdócio como estatuto perpétuo; e consagraras a Aarão e a seus filhos”.

O cerimonial distingue dois tipos de mitras. A Ornada, quando é guarnecida de adornos, mais ou menos ricos, que se dividem em Preciosa (*Pretiosa*), decorada com pedras preciosas e ouro; e *Aurifrisada* (*Auriphrygiata*), de tecido liso de ouro ou de seda branca bordada a ouro e prata (*figura 01*); e Faixada, que apresenta duas faixas ornamentais ou galões, uma (*circulus*) na borda mais baixa, e outra (*titulus*) em posição vertical, no meio de cada pala ou corno.



Figura 01 - Mitra Aurifrisada

O outro tipo de mitra distinguida pelo cerimonial é a Simples (*figura 02*), peça inteiramente de tecido branco, interna e externamente, sem ornamentos, nem mesmo nas ínfulas, tiras de tecido bordadas e decoradas que portam franjas vermelhas. Ela será de linho para os bispos, e adamscada branca apenas para os cardeais.



Figura 02 - Mitra Simples.

Para a Igreja, a mitra lembra a tiara do Sumo Sacerdote Aarão, na qual os dois cornos (elevações) simbolizam os dois Testamentos.

A mitra usada pelo bispo simboliza um capacete de defesa que deve tornar o prelado terrível aos adversários da verdade. Por isso, apenas aos bispos, salvo por especial delegação, cabe a imposição do Espírito Santo no sacramento da Crisma ou Confirmação. Tradicionalmente, o Papa, conforme a circunstância, serve-se de três tipos de mitra:

- 1 - A Gloriosa (*figura 03*), ornada de pedras preciosas e de um círculo de ouro que lhe forma a base. Nesta categoria, está inclusa a mitra com a tripla faixa dourada;
- 2 - A Preciosa, ricamente decorada, mas sem o círculo da base; e
- 3 - A Argêntea, de lhamas de prata, correspondente à mitra simples dos bispos.



Figura 03 - Mitra Gloriosa



No caso do Papa, a mitra pode ter o formato de uma coroa tripla, sendo, neste caso, chamada de tiara papal ou *triregnum*. O uso da tiara papal foi abandonado, mas não abolido, pelo Papa Paulo VI, que adotou a mitra comum, com a intenção de enfatizar mais o caráter pastoral do que temporal da autoridade pontifícia.

O cerimonial dos bispos designa que a mitra, o anel episcopal e o báculo (bastão ou cajado) sejam abençoados antes da Ordenação episcopal de quem o deva receber, sendo que a primeira imposição deve ser feita apenas durante o rito da Ordenação. Antes das celebrações litúrgicas, deve sempre ser um diácono quem impõe a mitra no bispo.

Pelas normas litúrgicas atuais, a mitra deve sempre ser usada na mesma ação litúrgica. A Mitra Preciosa é usada nas celebrações mais solenes. A Aurifrisada é usada no advento, na administração dos sacramentos e nas “memórias”. A Faixada, nos dias comuns. A Mitra Simples usa-se na Quarta-Feira de Cinzas, na Sexta-Feira Santa, no Dia de Finados, nas Assembleias Quaresmais, no rito da Inscrição do Nome, na solene celebração do sacramento da Penitência, na celebração de Exéquias (funeral) e quando um bispo concelebrar com outros, não sendo ele o celebrante principal. Portanto, nas concelebrações, somente o celebrante principal pode usar a Mitra Ornada.

A mitra é distinta de outras insígnias e sempre retirada quando o bispo está rezando, em decorrência do preceito apostólico do homem sempre rezar com a cabeça descoberta, conforme I Coríntios 11:04: “Todo homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta desonra a sua cabeça”.

Pelas leis litúrgicas, a mitra é usada pelo bispo, sobre o solitéu, quando se dirige ou retorna, processionalmente, para alguma função sagrada; quando está sentado; quando faz homilia, ou seja, a explicação de um texto sagrado; quando faz saudações; em locuções e avisos; quando dá a bênção solene e quando faz gestos sacramentais.

O bispo não usa a mitra nas preces introdutórias; nas orações; na Oração Universal; na Oração Eucarística; durante a leitura do Evangelho; nos hinos, quando estes são cantados de pé; nas processões em que leva o Santíssimo Sacramento ou as relíquias do Santo Lenho e diante do Santíssimo Sacramento exposto.

Simbologia

A mitra, em sua qualidade de peça que cobre a cabeça, simboliza também a cabeça e o pensamento. Assim, é o símbolo de identificação e distinção, assumindo toda a sua relevância, como no pensamento de Jung: “O herói tem os pensamentos e empreende os projetos da pessoa cujo chapéu está usando. Mudar de chapéu é mudar de ideias, ter outra visão do mundo”.



Emblema da soberania, a mitra tem a finalidade de fazer com que o usuário compreenda que não é um chefe com o poder de comandar arbitrariamente, de acordo com sua conveniência. Um soberano deve reinar e não exercer o mando. Somente se reina quando se traduz a vontade geral. O Sumo Sacerdote não dirigirá uma cerimônia de acordo com as próprias ideias, mas irá se inspirar nas aspirações mais elevadas da coletividade. Nesse idealismo coletivo, forma-se o diadema luminoso, o coroamento da Árvore Sephirótica, em Kether, a primeira Sephirah, a coroa do Sumo Sacerdote.

Albert Gallatin Mackey (1807–1881), médico americano e escritor maçônico, descreve que: “Tirar a cobertura na presença de superiores foi considerada, entre todas as nações cristãs, uma demonstração de respeito e reverência. Nas nações orientais, descobrem-se os pés quando se entra em lugar sagrado, nas nações ocidentais, descobre-se a cabeça”.

Liturgia

Nota-se na Ritualística Maçônica, assim como no Catolicismo, que se usa a cobertura durante as cerimônias e o dirigente descobre-se durante as orações de abertura e encerramento, ao contrário do Judaísmo, em que se conservam cobertos.

Ressalta-se a mensagem de Zacarias 3:5, onde se lê nas Sagradas Escrituras: “E eu disse: Ponham uma mitra limpa sobre a sua cabeça”.

Em hebraico, a palavra Mitra seria **היניצ** (ou Saniph), como um ornato para a cabeça, uma peça de pano, coroa, diadema, turbante, touca, um atavio de cabeça. Pela Guematria de **היניצ** teríamos $80 + 10 + 50 + 90 = 230 = 05$, que corresponde à carta de Tarô “O Papa”, que na língua inglesa seria “The High Priest” (*figura 04*), como arcano da bênção, da iniciação, da demonstração, do ensino, do dever, da moral, da consciência e da santidade. A carta evoca os níveis mais altos de consciência.



Figura 04 - O Papa

A autoridade com que se reveste o dirigente, quando do uso de sua mitra, relembra-o de que antes obedecia e agora exerce o mando sinceramente como guia espiritual e amigo. Esta autoridade, porém, não exclui a obediência e não concede poderes discricionários de mando. A mitra, embora considerada substituta da coroa, traduz a perfeita igualdade entre os irmãos e incute naquele que a utiliza o dever de governar com responsabilidade, de acordo com a justa vontade da coletividade. Assim, o maçom não se descobre nem se curva diante dos desmandos e das arbitrariedades dos homens. Portanto, o maçom deve envidar o máximo esforço para atingir a mais elevada razão, que será conferida pela realeza e distinção do uso da mitra.

Kabbalah

Simbolicamente, o escritor Oswald Wirth (1860–1943) no *Livre du Maître*, nas páginas 185 e 186, diz que todo o interesse do chapéu limita-se ao fato de que ele substitui a coroa, que na Kabbalah é representada por Kether, na primeira Sephirah (*figura 05*). Ou seja, a mitra representa o objetivo finalístico da caminhada do maçom.

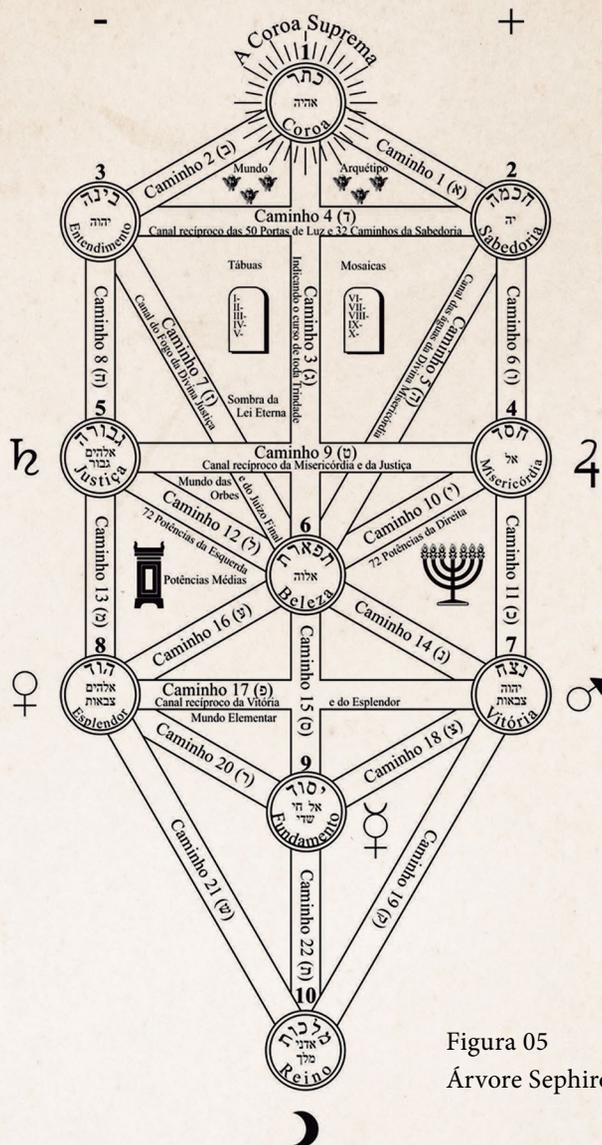


Figura 05
Árvore Sephirótica

Nas orações, o maçom descobre-se, pois procura experimentar o preenchimento do corpo espiritual pela luz do Criador. Serve para que o mesmo lembre o prazer que é receber em seu interior a luz do Criador. Entretanto, ao final da oração, se tem a real percepção que não pode continuar a descoberto, pois caso permanecesse nesta situação, receberia de forma egoísta a luz do Altíssimo.

O *Zohar*, considerado como o “Livro do Esplendor” no Judaísmo, diz que é impossível alcançar a fé perfeita e desinteressada de qualquer outra maneira senão através do temor ao Criador. E a medida do

temor irá determinar a medida da fé. Portanto, antes de poder praticar o exercício de deixar trespassar uma centelha mínima de luz do Criador, deve-se estar preparado para tal. Destarte, busca-se o equilíbrio, conforme a Sétima Lei do Cosmos, segundo *O Caibalion*, onde se lê: “Tudo está em equilíbrio” e, também, “Todas as atividades no Cosmos são equilibradas e compensadas e manifestam um estado de estabilidade, equilíbrio e contrapeso”.

Em equilíbrio, o maçom que trabalha com paciência, perseverança e aplicação, liberta-se dos erros e desenvolve-se na senda do progresso, no desbasto da Pedra Bruta, chegando ao alvo procurado, a Paz Suprema e o contato com o Altíssimo. Como no *Bhagavad Gîtâ*, Capítulo IV, Jnana Yoga – O Conhecimento Espiritual, no diálogo de Krishna com Arjuna: “O homem pode libertar-se da ilusão do ‘eu pessoal’, e alcançar a união com a Essência Divina, pelo conhecimento interior de si próprio, isto é, pela iluminação interior. Esta força aumenta com a prática, quando se cumpre o dever com abnegação”. ◆

Bibliografia

- BUCKLAND, A. R. *Dicionário Bíblico Universal*. 1ª Edição. Editora Vida. 1994.
- FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio. *Dicionário de Maçonaria*. São Paulo: Pensamento, 1997.
- ROBINSON, James M. *A Biblioteca de Nag Hammadi*. Editora Madras, 2014.
- STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Concordância em Hebraico*. 1ª Edição. 2002.
- VERMES, Geza. *Os Manuscritos do Mar Morto*. Editora Mercuryo. 2005.
- ZUMERKORN, David. *Numerologia Judaica e seus mistérios*. 2ª edição. São Paulo: Maayanot, 2011.
- Ritual 01, do Grand College of the Holy Royal Arch Knight Templar Priests and Order Holy Wisdom. Editado sob autoridade do Conselho Geral, York, 2014 (com as alterações de junho de 2015).
- Ritual do Grau 31 do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, 1999.
- *Bíblia Evangélica* – Sociedade Bíblica do Brasil, Trad. João Ferreira de Almeida.
- *Bíblia Hebraica - Tanah*. Editora Sêfer, 1ª Edição, São Paulo, 2006.
- *Torá - A Lei de Moisés*. Editora Sêfer, 2ª Edição, 2001.

Essa roupa não serve mais em mim

Irmão Erik Silva Imiani
Loja Merkabah, 569
Oriente Guarulhos

Nasci como todos nascem, e logo me deram uma roupa para vestir, para cobrir meu corpo. Muito das vezes, usei roupas que não gostaria, mas, como não podia me expressar, usei-as.

O tempo passou, a infância passou e a adolescência chegou. Agora, podia usar as roupas que eu queria. Algumas usei por rebeldia. Com o passar do tempo, notei que algumas não mais me serviam, já estavam apertadas e não mais cabiam. Foi então que refleti: Será que a roupa que eu uso é verdadeiramente a que eu gostaria?

Voltei ao passado, revolvi algumas lembranças, desde criança à vida adulta, e nesta última percebi que, às vezes, me vestia com roupas que não eram necessariamente da minha vontade. Sei lá... Vesti por influência, por modinha, por tentar me diferenciar.

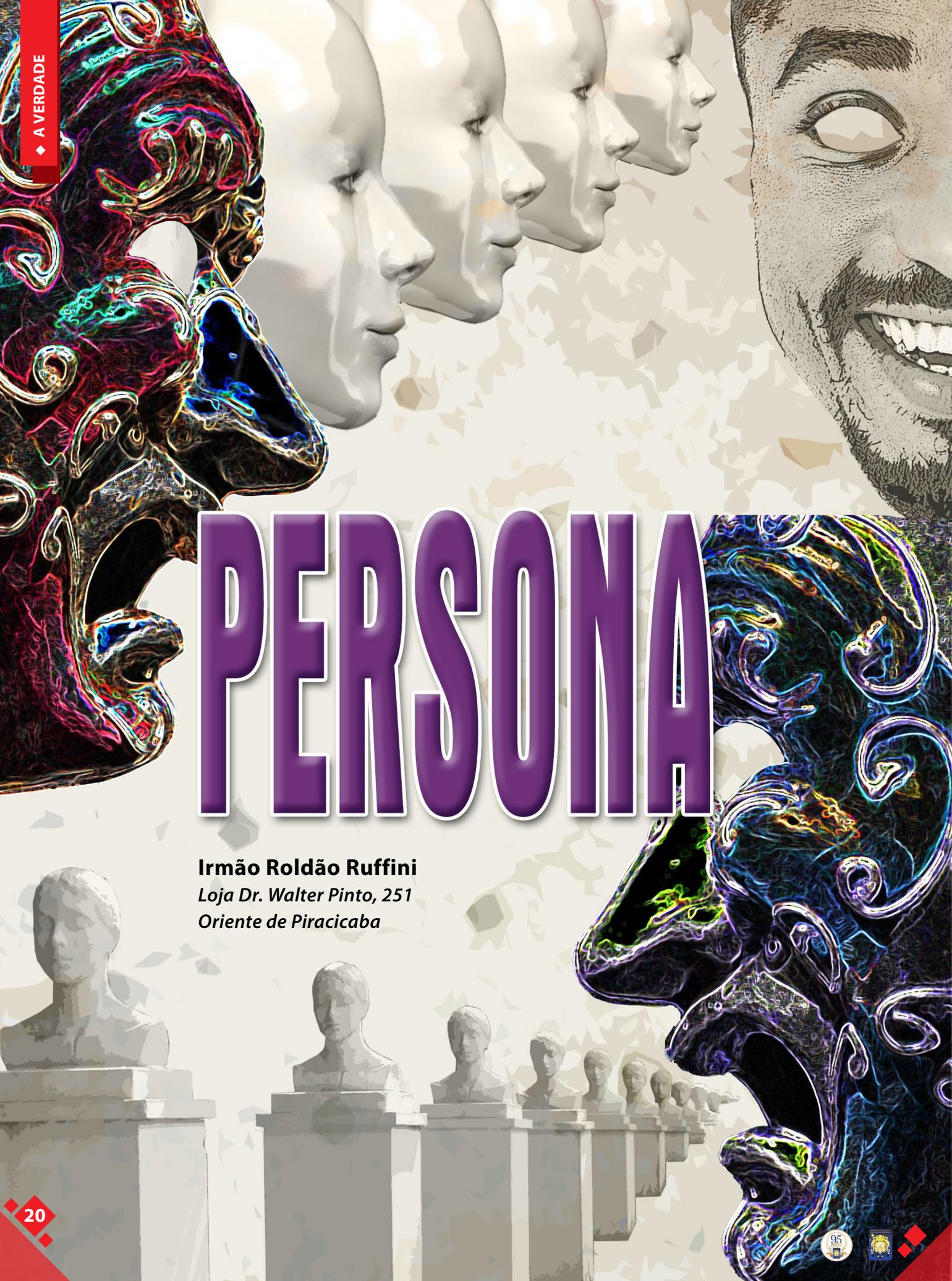
O tempo passou e aos poucos notei: essa roupa não serve mais em mim. Deixei muitos conceitos para trás. Aquela roupa da moda já não importa. Roupas muito novas, talvez, até pode ser, desde que me sinta à vontade. Na verdade, prefiro roupas folgadas, um pouco laceadas, que me deem mobilidade e que passem a imagem de quem verdadeiramente sou. Não sou mais jovem, não preciso acompanhar a moda, até porque, convenhamos, esta é transitória.

Hoje, busco colocar a roupa de acordo com minha idade, aquela que me representa de verdade e sem vaidades. Agora, compreendo que a roupa pouco importa. Se você conhece sua essência, o resto é aparência.

Nessa vida, penso eu que devemos nos importar com o que realmente vale a pena, a roupagem pode até mudar, mas sua essência deve sempre te guiar.

E para aqui encerrar, convido você, meu irmão, a uma reflexão: Essa roupa que reveste seu corpo é fruto de seu coração? ◆





PERSONA

Irmão Roldão Ruffini
Loja Dr. Walter Pinto, 251
Oriente de Piracicaba



O homem é um ser gregário, isto é, vive em grupos, e para ser aceito precisa da aprovação de seu comportamento perante a sociedade. Como, então, sobreviveu a essa necessidade de aceitação se cada indivíduo é apenas uma “entidade” e a todo momento precisa incorporar outra “entidade” para demonstrar aquilo que a sociedade cobra e que, na maioria das vezes, não é nada do que somos? A resposta: usando uma máscara artificial, chamada Persona na instância psíquica, que encobre o nosso eu e assume a interação com a comunidade. É como se escolhêssemos os trajes que vamos usar para passar a imagem que queremos.

Quando olhamos para esse termo e o associamos com máscara, temos uma tendência natural de interpretar como algo negativo, o que não é verdadeiro, pois essa arte contribuiu muito para a sobrevivência da espécie humana.

Foi Carl Gustav Jung, um psicoterapeuta suíço que viveu na primeira metade do século 20, que desvendou esses mistérios da psicologia, mostrando que é através da Persona que somos capazes de conviver com o outro e, inclusive, com pessoas que não nos são agradáveis, adaptando o comportamento que se assemelha a uma máscara diferente para cada momento e ambiente social.

O nosso modo de agir e pensar, chamado de personalidade, base de estudo da psicologia, também se origina do termo “Persona”, e, quando nos tornamos





inconvenientes e não aceitos, somos *persona non grata*.

Nosso modo de vestir e as indumentárias que usamos ajudam a adornar a Persona em uso, assim acontece com os paramentos maçônicos com seus símbolos sagrados.

Usar, literalmente, máscaras no carnaval, ao contrário da Persona, é um alibi que serve para demonstrar quem realmente é a pessoa que está se escondendo.

No marketing moderno, a palavra Persona está sendo usada para qualificar, entre o público alvo, o protótipo de um consumidor que seria um cliente ideal para determinado produto, com base nos gostos e hábitos.

Esse termo veio do latim e foi criado no teatro grego, onde os atores usavam uma máscara para exhibir seus personagens, isolando o indivíduo das características pessoais. Como atores que somos de nosso próprio enredo, aprendemos logo cedo que a usar inadequadamente pode nos levar a perda de oportunidades.

Fatores múltiplos impõem condições para uso da máscara, como o caráter é a soma das qualidades boas e más acumuladas durante a vida, mas é a consciência que se sobrepõe a todos, como ensinava Zoroastro, um sábio profeta que viveu há mais de 2,5 mil anos na antiga Pérsia.

Dizia ele que três são os níveis de transição da consciência: o Camelo, o Leão e a Criança. O Camelo é o animal de carga sempre pronto para ser escravizado. Simboliza o seguidor fiel que precisa de livros e doutrinas severas, não confia em si mesmo nem tem anseio pela liberdade. O Leão representa o despertar, não precisa de líderes, é senhor de sua responsabilidade, mas não é ainda o mais alto nível da consciência. E, por último, a Criança, que representa o

mais alto nível da consciência, nem crença nem descrença, é o auge da pureza e da sinceridade, não conhece preconceitos e está sempre aberta a novos caminhos.

O ego, por sua vez, está sempre a exigir aplausos aos personagens que vivenciamos, que nem sempre são verdadeiros e, às vezes, até sem graça. É através da Persona que ele se comunica com o mundo exterior, julga e qualifica as pessoas que estão ao nosso redor.

Perigoso se torna quando nos obriga a manter o uso contínuo e permanente do mesmo personagem mascarado em ambientes diferentes, como um soldado que usa do mesmo rigor dentro e fora do quartel, ou um maçom graduado que prima por ostentar sua vaidade continuamente, contrariando os ensinamentos da Ordem.

Quando incorporamos um personagem sem limite de tempo, causamos conflitos de convivência e a verdade passa a ser um insulto. É como se quiséssemos fugir de nós mesmos, ignorando a origem do problema, levantando barreiras para proteger quem pensamos ser, e quanto mais o personagem aderir à pele do autor, mais difícil se torna despi-la para não mostrar o lado escuro que não nos agrada. Nesse caso, um psicoterapeuta pode ajudar a encontrar o encoberto “eu verdadeiro”.

A chave mais importante para se usar a Persona correta no ambiente certo é o conhecimento de nós mesmos. Ele tem poderes para levar em consideração a opinião dos outros e, ao mesmo tempo, mostrar nossas habilidades, força e fraquezas.

Independentemente das máscaras que usamos, vitórias e derrotas fazem parte da evolução e nem sempre é virtuoso estar do lado dos vencedores. ◆



QUAL O SENTIDO DA VIDA?

Irmão Samir Nakhle Khoury*
Loja 21 de Abril, 141 – Oriente de São Paulo



Quando me perguntam sobre a visão maçônica para o sentido da vida, costumo recorrer à minha experiência assimilada em quase meio século participando dessa fraternidade, onde aprendi que a resposta à pergunta encontra-se oculta nos segredos intrínsecos da própria vida, diluída entre escuros labirintos do cotidiano e nas atitudes pessoais que você toma diante dos enigmas que lhe são oferecidos.

Assim, permaneça atento aos sábios ensinamentos ministrados pelo destino ao longo da cronologia do tempo. Como maçom, diferente de boa parte dos profanos, você sempre conseguirá interpretar raciocínios oriundos do coração livre e de bons costumes, sobretudo por ser um sublime construtor de templos à virtude e masmorras ao vício. Entretanto, há pessoas que nunca foram iniciadas, mas também são detentoras dos princípios maçônicos.

Gibran Khalil Gibran é um desses com esquadro e compasso tatuados na alma. Nasceu em 1883, criado na fé cristã e influenciado pelo Islã, especialmente no espetacular misticismo dos sufis. Sua crença no Grande Arquiteto do Universo está registrada em famosos livros, poesias e pinturas. Recentemente, visitei sua linda cidade natal, a libanesa Bsharre. No fundo da casa em que



ele residiu por décadas, há uma varanda descortinando imagens icônicas e exuberantes do Kadisha, um vale sagrado emitindo vibrações que energizam intensamente os chakras dos habitantes e visitantes.

Gibran seria maçom *workaholic*, pela impaciência e ambição sadias. Certa vez, foi advertido pelo diretor da escola: “Escadas são galgadas pelos degraus”. E Gibran retrucou: “Mas águias não usam escadas”.

Há pouco, terminei de ler o livro *Areia e Espuma*. Vejo no terço final dessa obra literária um trecho simbolizando a concepção maçônica para o sentido da vida. Creio que todo obreiro deveria cumprir a missão de “tornar feliz a humanidade pelo aperfeiçoamento dos costumes; começando por si mesmo, através de uma ávida busca em prol do conhecimento pessoal”. Aguçando sua leitura, tentarei adequar e resumir a parte final do livro mencionado:

Num grande bosque, morava uma violeta vivendo satisfeita entre as demais violetas. Certa manhã, ela ergueu um pouco mais a cabeça e viu rosas balançando pétalas, altivas e radiantes. Entristecida, pediu a violeta: “Fico limitada entre as flores... Vivo colada à terra e jamais verei o sol como as rosas. Suplico-te, ó mãe poderosa Natureza, transforma-me em rosa”.

Ouvindo aquela lamúria, a Natureza disse: “Vãs ambições apoderaram-se de ti? Não sabes o que pedes? Ignoras os infortúnios ocultos nessa aparente grandeza?”

Mas a violeta insistiu: “Suplico... Quero ser uma rosa e aceitarei as consequências”.

A Natureza atendeu, transformando a pobre violeta em rosa suntuosa. Porém, no mesmo dia, uma tempestade devastou o grande bosque e as roseiras foram abatidas pelos ventos intensos. Só violetas escaparam. Uma delas, olhando ao redor, gritou para as demais:

“Vejam o que a intempérie fez com essas orgulhosas que estavam acima de nós!”



Outra violeta exclamou orgulhosa:
 “Somos pequenas e humildes. Isso é ruim,
 mas sempre escapamos à fúria dos furacões!”

Vendo a antiga violeta agonizando, prestes a morrer como rosa, a rainha das violetas disse: “Triste destino dessa flor embriagada pela ambição. Bem feito, perderá a vida dentro de instantes. Que sirva de exemplo para vocês”.

Ouvindo isso, a rosa quase desfalecida retrucou em voz entrecortada: “O conforto de ser humilde violeta me protegia, mas também limitava. Eu poderia continuar vivendo rente à terra até ser coberta pela neve do inverno, sem nunca conhecer os sabores da vida. Seria apenas mais uma entre as várias gerações de violetas. O real sentido da vida é tentar conhecer o que há além da própria vida... Sim, pedi à Natureza para me transformar e realizei meu sonho. Vivi majestosa por pouco tempo, mas enxerguei melhor o universo com um olhar das rosas. Ao som do ar puro, ouvi melodias emitidas pelo vento e acariciei a luz com minhas pétalas macias. Poderá alguma de vós gabar-se dessa honra?”

E finalizou: “Agora, deixo um legado às rosas que virão e levo na alma tudo aquilo que as violetas conformadas jamais experimentarão. Hoje, sei o que há por trás e além dos horizontes onde nasci”.

Eis aí um dos sentidos da vida para a Maçonaria.

Seja bem-vindo à Sublime Ordem, querido irmão
 Gibran Kalil Gibran. ◆

**O irmão Samir, além de membro do Conselho Editorial da revista A Verdade, é presidente da Academia Rotária de Letras de São Paulo.*



AS MARAVILHOSAS INSTRUÇÕES MAÇÔNICAS



Irmão João Carlos Dias da Costa

Loja Mestre Pescador, 154

Oriente de São Paulo

Os nossos Manuais de Instrução são fontes inesgotáveis de conhecimento e orientações de vida, tanto para nós, maçons, quanto para aplicação aos neófitos, uma vez que espargem lições para um viver pleno e seguro.

Vou fazer uma pequena viagem pelas Instruções e nos acontecimentos do mundo moderno e, também, no mundo antigo.

Nossos manuais são dispostos em três linhas do conhecimento maçônico:

- Manual do Aprendiz, composto de sete Instruções;
- Manual do Companheiro, composto de cinco Instruções; e
- Manual do Mestre, composto de três Instruções.

As sete Instruções do Manual de Aprendiz podem ser sintetizadas em seus Princípios Fundamentais. A Maçonaria é uma Ordem Universal

formada por homens de todas as raças, credos e nacionalidades, acolhidos por Iniciação e congregados em lojas, nas quais, por métodos e alegorias, estudam e trabalham para a construção da Sociedade Humana.

No Manual do Companheiro, as cinco Instruções são resumidas no escopo do referido Grau: o sentimento de solidariedade que nasce da sincera e íntima comunhão entre irmãos deve ser a constante preocupação do Companheiro. Se a liberdade é o ideal do Aprendiz que aspira a Luz, a igualdade é o ideal do Companheiro, para que possa solidificar os sentimentos de fraternidade.

Assim, visualizando a quantidade de Instruções, vejo a totalidade, ou seja, Manual do Aprendiz, com sete Instruções; e o de Companheiro; com cinco Instruções, que totalizam 12 Instruções.

Veja que ideia brilhante de associar esses dois manuais, cuja soma totaliza o número 12, para aspergir na escolhida sociedade de homens do bem com a finalidade de os congregar.

O 12 nos remete a inúmeros caminhos, entre os quais elenco:

- O ano tem 12 meses;
- O dia é dividido em dois blocos de 12 horas;
- Uma dúzia é composta de 12 unidades;
- Uma grossa (144) é a multiplicação de 12 x 12 unidades;
- Se pegarmos 30° e multiplicarmos por 12, teremos o valor da circunferência de 360°;
- Os signos zodiacais são 12;

- Na mitologia, temos os 12 trabalhos de Hércules.

Por outro lado, buscando ensinamento na Bíblia, o número 12 nos mostra:

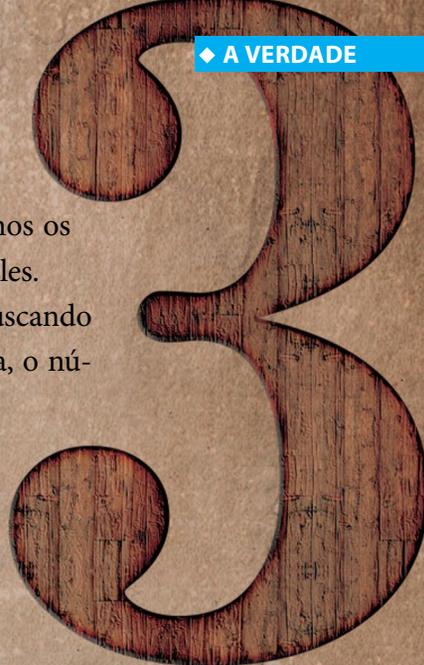
- 12 Tribos de Israel;
- Jerusalém possui 12 portas, com 12 anjos;
- O Senhor Jesus foi a Jerusalém aos 12 anos;
- O Senhor Jesus escolheu 12 Apóstolos;
- O Senhor Jesus alimentou cinco mil pessoas e ainda sobraram 12 cestos.

Finalizando, o Manual do Mestre Maçom sintetiza todos os conhecimentos em seu Preâmbulo: Voltado o Aprendiz ao trabalho material de desbastar a Pedra Bruta e o Companheiro ao trabalho intelectual para a realização da Pedra Cúbica, cabe ao Mestre Maçom o trabalho espiritual expresso claramente na missão que lhe compete de espalhar a Luz e reunir o que está esperso.

E como o Grau de Mestre possui três belas Instruções, reflito sobre a simbologia do número 3:

- O triângulo possui três pontos;
- A assinatura do maçom é complementada por três pontos;
- Três reis magos foram a Belém visitar Jesus;
- A Santíssima Trindade (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo) representa a manifestação plena de Deus.

Caro leitor, a mente do idealizador dessas Instruções Maçônicas foi iluminada quando de sua criação, uma vez que uniu e reuniu toda beleza do mundo para aí colocar a nosso dispor essa fonte inesgotável de ensinamentos do bem viver. ◆



A REVOLUÇÃO FARROUPILHA E A MAÇONARIA



Irmão Fábio A. Somenci
Loja Mahatma Gandhi, 336 - Oriente de Bauru

Era 20 de setembro de 1835. Sobre os Pampas gaúchos pairava uma grande tensão. A região estratégica para a constituição da unidade nacional – como a defesa das fronteiras do sul – vivia um descontentamento de longa data com as políticas do Império. Províncias do Norte já haviam se rebelado: Pernambuco, Maranhão e Bahia; agora é a vez do Rio Grande do Sul, grande produtor de charque que concorria diretamente com a produção uruguaia. O governo central brasileiro, no entanto, privilegiava a concorrência estrangeira, cobrando um imposto menor do charque uruguaio se comparado ao que pagavam os produtores sulistas. A indignação foi crescente e deflagra-se a revolta, que uniria desde estancieiros, escravos, militares e outros setores da sociedade do Rio Grande do Sul.



Se hoje a Maçonaria prima pela defesa da democracia e pelo Estado Democrático de Direito, nem sempre foi assim, sobretudo em períodos totalitários ou absolutistas. É o caso da Revolta dos Farrapos ou Farroupilha. O Venerável Mestre da Loja Philantropia e Liberdade, Bento Gonçalves da Silva (1788-1847), junto com outros irmãos movidos por ideais republicanos (Souza Neto, Onofre Pires, Lucas de Oliveira, Vicente da Fontoura, Pedro Boticário, Davi Canabarro, José Mariano de Matos, Gomes Jardim) coordenou a revolta.

Embora estejam disponíveis poucas informações sobre a participação da Maçonaria na Revolta dos Farrapos, havia, sim, desde academias secretas, bem como lojas instituídas no Rio Grande do Sul, a partir de 1839. Segundo Spencer Lewis Leitman: “Na fronteira, Bento Gonçalves organizou lojas maçônicas, aprendendo rapidamente todos os meandros da organização e usando o serviço postal maçônico como uma alternativa para sua correspondência secreta. Alguns anos depois, um de seus filhos afirmou que Sucre, o codinome maçônico de seu pai, era prova suficiente de sua intenção de estabelecer uma república antes do dia 20 de setembro de 1835”.

Alguns antecedentes da revolução:

- Em 1750, ocorreu o Tratado de Madri, no qual a região de Sete Povos das Missões, de posse da Espanha, passaria para Portugal, e a Colônia de Sacramento, atual Uruguai, seria entregue à Espanha. No entanto, por resistência dos espanhóis (jesuítas) em deixar a região, ocorreu a Guerra Guaranítica (1753-1756), conflito em que indígenas enfrentaram tropas luso-espanholas para defender os jesuítas. Desde então, a região esteve em permanente estado de alerta por parte dos estancieiros.

- Com a descoberta do ouro nos séculos XVII e XVIII, o Rio Grande do Sul foi importante para o fornecimento de bovinos e muarens às cidades mineiras.

- Já no fim do século XVIII, a produção do charque (carne marmorizada – seca e salgada) tornou-se uma grande fonte de renda para os fazendeiros (estancieiros) do Rio Grande do Sul, seja para a alimentação das próprias famílias ou dos escravos.

Para os portugueses, o Rio Grande do Sul tornou-se estratégico pelo comércio com os países da bacia do Prata (Argentina, Uruguai e Paraguai), pelo necessário controle do contrabando, pela importância militar na região e pela produção pecuária. Isto trouxe certa autonomia local, porém, tudo mudou a partir da Independência, em 1822, com a consequente centralização política no Rio de Janeiro e os altos impostos que passaram a ser cobrados sobre a terra, o gado e o charque.



A Revolução Farroupilha

O termo “Farroupilha” vem de farrapos e significa “maltrapilhos, mal vestidos ou molambentos”. Foi uma forma pejorativa de se referir aos rio-grandenses, porém, tornou-se motivo de orgulho por designar os opositores radicais ao governo central e vinculados ao Partido Liberal. Já em 1832, surgiu o Partido Farroupilha. Por outro lado, os inimigos eram chamados de caramurus, termo jocoso aplicado aos membros do Partido Restaurador no Parlamento Imperial. Farrapos serve, portanto, para exaltar aqueles que, pela bravura, indignação e coragem, questionavam o Império e sua política centralista e exploratória da província. Nos dizeres de Bento Gonçalves: “Transformou-se o Rio Grande numa estalagem do Império”, frase que resume o sentimento geral daqueles que se viam como prestadores de serviços e defensores da fronteira.

Mas o que queriam os farroupilhas? Liberdade, reconhecimento e justiça. Três palavras que, mais do que se referirem a um evento histórico específico, traduzem o desejo humano por dignidade. Esse desejo se concretiza no Rio Grande do Sul, aproximadamente um ano após deflagrado o conflito. Exatamente em 11 de setembro de 1836, o maçon Bento Gonçalves, junto com outros companheiros, após alguns embates, declarou a independência da República Rio-grandense, com a capital em Piratini e, assim, por quase 10 anos, parte do sul do Brasil permaneceu desvinculado dos ditames da capital do Império e livre, conforme é cantado no Hino Rio-grandense: “Como aurora precursora / Do farol da divindade / Foi o 20 de setembro / O precursor da liberdade”.

Tal república independente propunha laços federativos com toda província que também assumisse a mesma forma de governo. Isto, na realidade, causou isolamento, e uma vez pacificadas as revoltas em outras províncias, o governo monárquico concentrou esforços em combater os farroupilhas.

Armas, reuniões secretas e planos de resistência eram organizados. Bento Gonçalves é nomeado presidente da nova república, o que lhe causou dissabores como perseguições e prisões. Em dada ocasião, estando preso no Rio de Janeiro, organizou uma fuga de mais de 30 presos por meio de um buraco na cela, no entanto, um dos presos, Pedro Boticário, por ser gordo, não conseguia atravessar pelo buraco, e Bento Gonçalves, em solidariedade ao companheiro, também não fugiu. Em outra prisão, agora no Forte do Mar, na Bahia, Bento Gonçalves teria se lançado ao mar e ido a nado em direção a um barco, no qual se encontravam irmãos maçons que o resgataram.

Além dos rio-grandenses, a revolta atraiu estrangeiros, sendo o mais famoso Giuseppe Garibaldi (1807-1882), italiano que esteve envolvido em movimentos republicanos na Itália. Em Santa Catarina, conheceu Anita Maria de Jesus Ribeiro, a Anita Garibaldi (1821-1849) e formou com ela um casal amoroso e guerreiro a atuar tanto na Revolução Farroupilha quanto no processo de unificação da Itália.

Sob a liderança de Garibaldi e Davi Canabarro (1796-1867), foi tomada a cidade de Laguna, em Santa Catarina, e proclamada a República Catarinense ou República Juliana, em 29 de julho de 1839, porém, durou pouco, questão de meses.





Muitos esforços foram exigidos a partir de 1840, gerando gastos e desgastando soldados. A consequência foi a aceitação de escravos para participarem das batalhas com os senhores (estancieiros), em troca da liberdade.

A revolta só se encaminha para o fim quando entra em cena Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), o Barão de Caxias, que viria a se tornar o Duque de Caxias pelos relevantes serviços prestados à monarquia.

O apelido adquirido por Caxias, O Pacificador, se confirma em 1º de março de 1845, quando em negociação com os farroupilhas consegue o cessar-fogo e a assinatura do Tratado de Poncho-Verde, pondo fim à Guerra dos Farrapos, a qual teria causado mais de 45 mil mortes. No sul, o acordo ficou conhecido como “Paz Honrosa”, uma vez que várias reivindicações foram alcançadas:

- 1ª. A dívida contraída durante o conflito seria paga pelo Império;
- 2ª. Os oficiais do exército farroupilha integrariam o Exército Imperial, ocupando os mesmos postos;
- 3ª. Concessão de liberdade aos escravos que lutaram na guerra;
- 4ª. A segurança individual e a propriedade

foram garantidas;

- 5ª. Prisioneiros de guerra foram soltos;
- 6ª. Os ex-revoltosos poderiam escolher livremente o seu presidente de província;
- 7ª. O charque importado foi sobretaxado em 25%.

Considerações Finais

O acordo proporcionou a manutenção da unidade do território nacional e pôs fim à última revolta iniciada no Período Regencial – entre 1831 e 1840 – e terminada já no reinado de D. Pedro II. Ao pacificador Barão de Caxias coube mais tarde o título de Duque e a indicação pelo próprio Rio Grande para Senador do Império.

Sobre a presença e participação de membros da Maçonaria na Revolução Farroupilha, não restam dúvidas. Porém, se o movimento teria se iniciado dentro de alguma loja ou se externamente, fica a dúvida. A certeza é que, se do lado da tropa Liberal havia irmãos da Maçonaria, do outro lado, também, como atestamos a participação do ilustre pacificador Barão (e mais tarde Duque) de Caxias, iniciado em 1841, na Loja Simbólica Dois de Dezembro, do Oriente do Rio de Janeiro, e oficialmente designado como patrono do Exército Brasileiro, em 1962.



Como conclusão, reconhecemos a importância de se estudar o passado para se entender melhor o presente. A tirania de outrora permanece, muitas vezes disfarçada sob os auspícios da liberdade, do livre comércio e o direito à opinião. Sejam sempre vigilantes, como eternos aprendizes a lapidar a pedra bruta da ignorância, da desinformação e do autoritarismo, em prol da construção de uma sociedade justa e perfeita, sob a eterna proteção do Grande Arquiteto do Universo.

Anexo

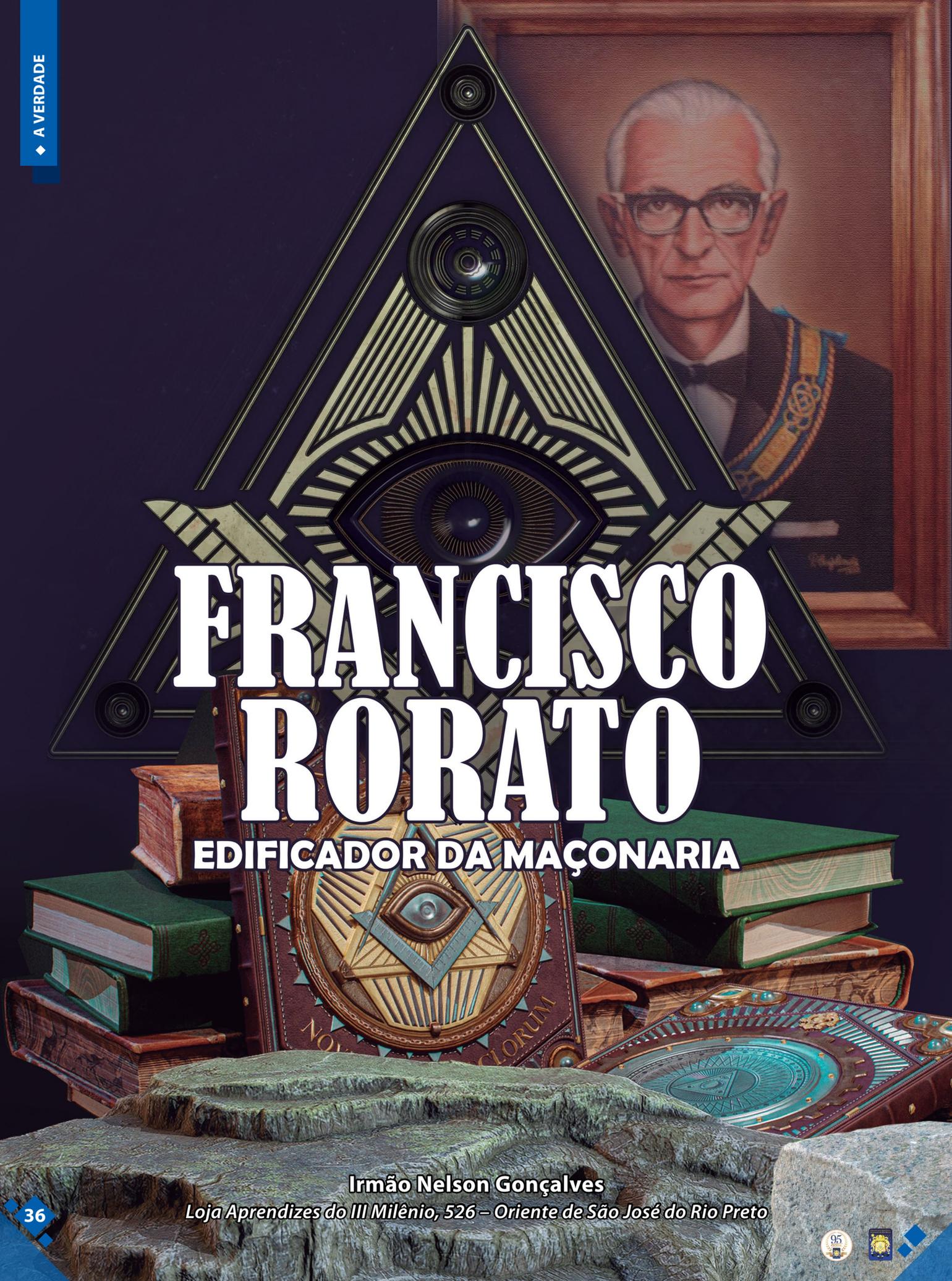
Por ocasião das comemorações de 100 anos da Revolução Farroupilha, o Grande Oriente do Rio Grande do Sul lança um manifesto reivindicando para a Maçonaria a glória da Revolução Farroupilha:

“Nós, representantes legítimos da todos os Maçons Antigos, Livres e Aceitos regulares, residentes no Oriente de Porto Alegre, sob a inspiração do mais íntimo júbilo, aqui afirmamos a mais soberana fé que todos depositamos no destino glorioso de nossa raça. E na celebração do primeiro centenário de um dos três maiores feitos maçônicos do Brasil (1822, 1835-1845, 1889), queremos abraçar fraternalmente a todos os nossos irmãos

de raça, na firme compenetração de todos os deveres cívicos e humanos, subscrevendo na presente os propósitos que animam os maçons de todo o globo terráqueo – de lutar sem esmorecimento em favor da paz, da ordem e da prosperidade da Pátria, para que ela seja forte, grande, feliz e amiga das outras pátrias, concorrendo para o bem-estar da Família Humana.”

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Libertadores da América: a Maçonaria e a emancipação dos povos americanos*. São Paulo: Ed. O Malhete, 1959.
- BANDECHI, Pedro Brasil. *A bucha, A Maçonaria e o Espírito Liberal*. São Paulo: Livraria Teixeira, 1978.
- FAUSTO, Bóris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2018.
- GOMES, P. A. *Maçonaria na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s.d.
- LEITMAN, Spencer Lewis. *Razões socioeconômicas da Guerra dos Farrapos: um capítulo da história do Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 61.
- LOPEZ, Adriana. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- SCHWARCZ, Lilia M; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- Grande Oriente do Rio Grande do Sul - <https://bit.ly/3IEf16T> (Acesso em 19/09/2022).
- O Ponto Dentro do Círculo - <https://bit.ly/3C1xhU1> (Acesso 19/09/2022).



FRANCISCO RORATO

EDIFICADOR DA MAÇONARIA

Irmão Nelson Gonçalves

Loja Aprendizes do III Milênio, 526 – Oriente de São José do Rio Preto

Francisco Rorato, que empresta seu nome ao Palácio Maçônico, sede da Grande Loja do Estado de São Paulo – Glesp, na Rua São Joaquim, foi um dos mais brilhantes homens que já passou pela Maçonaria. Uma pessoa que viveu além do seu tempo e colocou os ideais maçônicos acima de todas as coisas. Faleceu em 7 de abril de 1983 e não chegou a ver sua filha, Yeda Rorato Crusis, ser deputada federal por quatro mandatos e ser eleita, em 2007, como a primeira mulher governadora do Rio Grande do Sul.

De uma prole formada por seis filhos, Yeda se orgulha de ter nascido no mesmo dia do pai, 26 de julho. Ele nasceu no ano de 1911, em Guaxima, distrito do município de Conquista (MG). Além de ter construído o Palácio Maçônico, deixou vastíssimas obras na Maçonaria e na vida profana. Foi fundador, em 1952, na gestão do Grão-Mestre Alcides do Valle e Silva, do jornal *A Verdade*, além de várias empresas e inúmeros jornais em diversas cidades brasileiras. É autor do livro *O Homem Brasileiro e o Mundo Político*.

Em 1936, chegou a São Paulo, com 25 anos de idade, para trabalhar como contador no Laboratório Humanitas, onde conheceu Sylvia, com quem se casou e se tornou sua inseparável companheira. Aos 37 anos, foi iniciado maçom na Loja Prudente de Moraes, 05, sendo eleito Venerável Mestre no ano seguinte e tendo uma pródiga carreira maçônica. Aos 45 anos, em 1956, foi eleito como o oitavo Grão-Mestre da Glesp.

Mas, antes disso, em 1952, fundou a Editora Jornalística A Verdade, que editava e distribuía gratuitamente aos obreiros o jornal que foi embrião desta revista.

Em sociedade com os irmãos Edésio de Sales Guerra e Washington Pelúcio (que mais tarde também foi Grão-Mestre), fundou uma firma para instalação de 400 ramais telefônicos em Caraguatatuba. Segundo, Edésio a prefeitura não pagou pelos serviços e a empresa fechou. Montaram então uma empresa para colocação de bloquetes de cimento em diversas ruas e avenidas de Sorocaba. Entretanto, na hora do recebimento, o dinheiro chegava com meses de atraso e o negócio teve de ser novamente fechado.

Embora tivesse como formação e atividade a contabilidade, ele sempre foi apaixonado pelo jornalismo. Quando tinha 21 anos e ainda morava em Guaxima, criou dois jornais, *A Tribuna* e *O Chicote*, semanários voltados para assuntos sérios, porém, tratados com humor. Em São Paulo, fundou a *Seleção Médica*, e, em Belo Horizonte, o jornal *O Operário*.

Durante a gestão do Grão-Mestre Washington Pelúcio, constava na previsão orçamentária a obrigatoriedade da assinatura mensal da revista. Um irmão alertou, durante a Assembleia, o fato de a editora ser de propriedade particular. Presente na sessão, o irmão Rorato não teve dúvidas em se desfazer da editora e transferi-la, sem custos, como doação, para a Glesp.



Os irmãos que conviveram com ele naquela época diziam que Rorato tinha “espinha de aço”, que nunca se curvava para nada. Foi um obstinado para dar à Glesp uma sede majestosa. Ele adquiriu o terreno na Rua São Joaquim, no bairro da Liberdade, e iniciou as obras da construção. Entretanto, faltava dinheiro. Para conseguir o que para muitos parecia impossível, ele percorreu as lojas com uma sacola em mãos, pedindo donativos. Foi atrás de Jânio Quadros, que era irmão, e conseguiu o montante de seis milhões de cruzeiros. Posteriormente, conseguiria mais seis milhões em empréstimos, no governo de Carvalho Pinto. No dia 7 de setembro de 1959, lançou-se a pedra fundamental e, dois anos depois, no dia 21 de abril de 1961, era inaugurado o Palácio Maçônico.

Além de empreendedor de grandes obras, Francisco Rorato também se preocupou com a benemerência. Quando da fundação da Ação Social Gonçalves Ledo, ele e sua esposa Sylvia promoviam jantares em sua casa para angariar recursos para obras sociais.

O irmão Aluizio de Freitas, então editor desta revista no final dos anos 70, conta que recebia pelos Correios artigos bem elaborados, cujo autor subcrevia seus textos com o pseudônimo de Amixaug. Pelos teores dos artigos, não foi difícil descobrir que Amixaug é a escrita inversa de Guaxima, terra natal de Francisco Rorato. Ele colaborava brilhantemente com a revista. Mas não queria aparecer, já que se tratava de um Past Grão-Mestre.

Em entrevista para a revista *A Verdade*, em maio de 1923, o irmão Edésio de Salles Guerra resumiu bem o que foi a vida de Francisco Rorato: “Não deixou uma única casa para sua família, mas deixou um palácio para a Maçonaria”. E, de fato, o pouco que tinha de bens foi a leilão para sanar dívidas da família. ◆





www.glesp.org.br

